

O TOM REALISTA DE “O QUINZE”

Gilles Villeneuve Souza Nascimento ¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o tom realista presente na obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, evidenciando como a autora, mesmo trabalhando com elementos ficcionais, reproduz com fidelidade aspectos da realidade social vivida no sertão cearense durante a seca de 1915. A partir de uma abordagem sociológica, observa-se que a escritora utiliza recursos como a descrição da miséria, da fome, do desemprego, da religiosidade popular e da migração forçada para compor um retrato verossímil da vida sertaneja. A narrativa se desenvolve por meio de duas histórias paralelas — a de Conceição e Vicente, e a de Chico Bento com sua família —, que representam diferentes experiências sociais diante da mesma tragédia. A linguagem regionalizada, os cenários áridos e os diálogos carregados de crítica social reforçam o realismo da obra. Embora se trate de uma produção artístico-ficcional, *O Quinze* ultrapassa os limites do imaginário para denunciar o sofrimento de um povo negligenciado pelas políticas públicas. Com apoio teórico de estudiosos como Alfredo Bosi (2006) e Massaud Moisés (2007), o trabalho demonstra que Rachel de Queiroz soube unir arte e denúncia social de maneira sensível e eficaz. Conclui-se, assim, que o romance é um marco da literatura modernista nordestina, destacando-se pela sua expressiva carga realista e relevância histórica.

Palavras-chave: Realismo literário, *O Quinze*, Literatura nordestina.

INTRODUÇÃO

Toda produção textual, seja ou não de cunho literário, pode de certa maneira trazer “traços” da realidade que a envolveu. Afinal, aquele que escreve também é um “produto de seu meio”. Com apenas 19 anos de idade, Rachel de Queiroz no ano de 1930 publicou o livro *O Quinze* que, segundo Alfredo Bosi (2006), é um romance de ambientação cearense. A obra retrata a vida de algumas pessoas que sofreram com a seca que assolou o estado do Ceará em 1915.

Para aquele que já teve contato com os estudos literários, é sabido que a produção artística possui caráter ficcional. Isso também se aplica à obra de Rachel de Queiroz, que constrói seus personagens e desenvolve sua narrativa com intencionalidade estética e criativa. A autora, porém, carrega em sua escrita indícios de aspectos que envolveram a realidade do sertão em 1915. Utiliza esses elementos para caracterizar os personagens e o espaço, dando à obra um clima realista. A realidade nada mais é do que a veracidade dos fatos. Os

¹ Mestre do Curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – PROFLETRAS/UFPE, g.villeneuve@hotmail.com

acontecimentos daquele tempo e lugar foram reais e, somados à criação artística de Rachel, resultaram em uma das obras de maior repercussão da geração modernista de 1930. Diante do exposto, o objetivo deste estudo é mostrar, na ficção da autora, o tom realista de sua obra.

Tendo em vista esses aspectos, a descrição das problemáticas sociais que envolvem *O Quinze* torna-se relevante no campo dos estudos literários e deve ser apresentada, pois o tom realista implica detalhar como de fato se encontrava o Ceará naquela época. Uma das contribuições deste é mostrar que apesar de todo o sofrimento, “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”, como bem disse Euclides da Cunha em *Os Sertões*, além de citar traços característicos da região e apresentá-los a quem os desconhece.

Para fazer esse levantamento foi necessário um minucioso estudo do livro, bem como a observação de aspectos como a seca, a religiosidade, o desemprego, o vocabulário, entre outros. Enfatizou-se, também, a preocupação com os detalhes nos trechos descritivos, o que reforça o realismo. Leituras de artigos e monografias sobre o livro foram realizadas na intenção de dar maior embasamento teórico ao trabalho. Os estudos dos críticos literários Alfredo Bosi (2006) e Massaud Moisés (2007) reforçam as considerações presentes no artigo.

Cumprе esclarecer que esta pesquisa não teve como propósito apresentar um resumo detalhado da obra, uma vez que tal tarefa já foi amplamente desenvolvida em análises anteriores. Contudo, em determinados trechos, o enredo será brevemente comentado, com o intuito de proporcionar maior clareza ao leitor quanto aos pontos discutidos. Para iniciar, expõe-se aqui o que Haiduke (2008, p. 56) escreveu em linhas gerais sobre o romance em questão:

O romance é constituído através de duas narrativas que se desenrolam paralelamente, entrecruzando-se em vários momentos: a primeira é a estória do amor entre a professora Conceição e seu primo Vicente e a outra é o relato da viagem do vaqueiro Chico Bento e sua família, retirantes da seca.

O QUINZE: SOCIOLOGIA E VEROSSIMILHANÇA

Para iniciar, seria de insucesso deste estudo analisar a obra *O Quinze* pelo viés sociológico sem, primeiramente, elucidar o que se entende por sociologia. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss (2009), sociologia é o “estudo científico da organização e do funcionamento das sociedades humanas e das leis fundamentais que regem as relações sociais, as instituições etc.” A produção de Rachel de Queiroz dialoga intensamente com o campo de discussão social, ao retratar como a privação enfrentada pelos personagens pode levá-los tanto à solidariedade quanto à desagregação. Em *O Quinze*, observa-se uma clara exclusão dos pobres

e oprimidos pela seca, enquanto a presença do Estado é mínima ou ineficaz. Essa crítica é explicitada por meio das falas dos personagens, que denunciam o abandono governamental: “– Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!” (QUEIROZ, 2008, p. 35). Além disso, a obra evidencia a desigualdade social ao expressar a revolta diante dos privilégios das classes abastadas: “– Que passagens! Tem de ir tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu para os ricos!” (QUEIROZ, 2008, p. 36). Assim, Rachel de Queiroz constrói uma narrativa crítica, na qual a seca funciona não apenas como cenário, mas como agente de exclusão social e denúncia das desigualdades.

No que concerne à verossimilhança, o termo, em literatura, designa a ideia de que aquilo que está sendo narrado se assemelha à realidade. Para Perrone-Moisés (2006), a verossimilhança pode ser compreendida como a qualidade do texto literário que o faz parecer verdadeiro ou plausível, isto é, semelhante à realidade. Mesmo tratando de ficções, a literatura busca criar um universo em que os acontecimentos, ainda que inventados, sejam aceitáveis dentro de uma lógica próxima à experiência humana ou socialmente reconhecível. Conforme exposto anteriormente, a produção em análise é rodeada de descrições que reproduzem a realidade cearense da seca e dos retirantes em 1915. Um exemplo da realidade sofrida pode ser notado no trecho: “Os meninos, passado o furor do apetite, exigiam com força o que beber; gemiam, pigarreavam, engoliam mais farinha, ou lambiam algum taco de rapadura, entreitando com o doce a garganta sedenta.” (QUEIROZ, 2008, p. 42). É nessa passagem da narrativa que os filhos de Chico Bento reclamam de sede. Ele e Cordulina, sua esposa, são retirantes da seca e buscam uma terra mais próspera para (sobre)viver.

ASPECTOS QUE COMPREENDEM A REALIDADE DE “O QUINZE”

Focando especificamente na obra, será realizada uma análise que comprova a presença de elementos que envolvem a realidade apresentada em *O Quinze*, a começar pela *seca* relatada na narrativa. Esse aspecto deve ganhar destaque em relação aos demais, pois é o principal fator transformador do realismo na obra. *O Quinze* nada mais é do que o retrato da grande seca de 1915. Sem o tom verossímil desse elemento, poderia faltar a citação de itens como a miséria, a crítica social, a fé, dentre outros que circundam a vida sertaneja. Portanto, a história poderia perder parte de seu sentido. Um trecho que evidencia essa questão atenta para o sofrimento do gado diante da estiagem:

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão. (QUEIROZ, 2008, p. 14).

Vicente é o personagem citado nesse instante. Trata-se do vaqueiro que, mesmo diante de todas as adversidades, luta contra a estiagem para não perder o pouco que tem. Oculta em seu coração o amor que tem para com a prima Conceição, que, por sua vez, também o ama, mas mantém em segredo os seus sentimentos. Ele representa a força e a coragem do povo sertanejo, além da esperança por dias melhores. Já ela é a figura da mocinha educada que vive na cidade grande.

Outros momentos que retratam a seca podem ser constatados. O trecho a seguir reflete fortemente seus reflexos: “Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.” (QUEIROZ, 2008, p. 51).

Prosseguindo na análise dos aspectos que permeiam a realidade na obra de Rachel de Queiroz, destaca-se a maneira como a autora retrata *a fé e a religiosidade*, sempre presentes no coração do povo sertanejo, constituindo uma característica marcante dessa cultura. Os habitantes de outros lugares do Brasil conhecem o sertanejo como um indivíduo dotado de fé, como pode ser comprovado na seguinte passagem: “Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, dona Inácia concluiu: Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém.” (QUEIROZ, 2008, p. 11). Constata-se outro trecho em “- Não... quero só rezar um bocadinho para ver se sossego este coração.” (QUEIROZ, 2008, p. 39). Dona Inácia, avó de Conceição, é apresentada como uma mulher de fé que recorria às bênçãos divinas em favor de sua comunidade, por meio de orações aos santos. Em virtude disso, pode-se dizer que é a personagem que melhor representa a religiosidade do povo sertanejo na narrativa.

Numa nova ocasião e novamente retratando a professora Conceição, nota-se certa *relação entre a personagem e a vida da escritora*. Rachel de Queiroz passou um tempo de sua vida engajada no Partido Comunista. E o narrador ao comentar brevemente sobre a mocinha da ficção, menciona que “Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais ideias, estranhas e absurdas à avó.” (QUEIROZ, 2008, p. 14). Percebe-se, ainda, que “[...] como Conceição, Rachel atuava como professora na cidade de Fortaleza, principalmente no ano da produção do romance *O Quinze* quando era professora

da Escola Normal (onde lecionou por oito meses)” (RENARD, 1970. p. 322 in HAIDUKE, 2008. p. 68).

O tom realista também se evidencia no modo como a escritora preservou o *vocabulário* empregado por seus personagens, utilizando expressões coloquiais típicas da variante linguística sertaneja. Comprova-se tal afirmativa em vários momentos. Expõe-se a seguir algumas dessas passagens: “- Inhor sim... A dona mandou soltar o gado... Hoje mesmo abri as porteiras...” (QUEIROZ, 2008, p. 28); “Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar.” (QUEIROZ, 2008, p. 31); “E depois de arriar as trouxas e aliviar a burra, reparou nos vizinhos. A rês estava quase esfolada.” (QUEIROZ, 2008, p. 44). O canto característico do boiadeiro também deve ser considerado, conforme pode ser constatado no trecho “O! Meu boi! Ô lá, meu boi, ê! / Meu boi manso! Ô ê! Ê... ê... ê...” (QUEIROZ, 2008, p. 23).

O personagem Chico Bento é um homem trabalhador que vê na fuga do sertão a única alternativa para salvar sua família das necessidades e, conseqüentemente, da morte. Com a falta de chuva, Chico perde seu emprego na fazenda de Dona Maroca e fica sem meios de sustento. Ele e sua família representam a dura saga dos retirantes da seca. O aspecto do *desemprego* também é evidenciado na carta que Chico Bento recebe do sobrinho da proprietária do lugar:

Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda. Sem mais, do compadre amigo... (QUEIROZ, 2008, p. 25).

Outro fato que remete consideravelmente à realidade dos habitantes do sertão apresentado na narrativa é a *bondade das pessoas* que, mesmo vivendo na miséria, têm a preocupação de ajudar o próximo, não pensando apenas em si. No fragmento abaixo, Chico Bento e sua família dividem o pouco que possuem com estranhos, também retirantes da seca:

E o bode sumiu-se todo...
Cordulina assustou-se:
- Chico, que é que se come amanhã?
A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo singelo do vaqueiro, não se perturbou:
- Sei lá! Deus ajuda! Eu é que não haverá de deixar esses desgraçados roerem osso podre... (QUEIROZ, 2008, p. 45).

Há, em alguns fragmentos, a exposição de *saberes populares*, que ensinam sobre os possíveis perigos culinários da região. Aprende-se, com a apreciação literária da obra, que comer mandioca crua é uma espécie de veneno natural. Na passagem transcrita a seguir, Josias,

filho de Chico Bento e Cordulina, ingere o alimento mencionado sem comunicar aos pais e acaba falecendo:

Ele contou a história da manipeba. Cordulina levantou-se, assustada:
 - Meu filho! Pelo amor de Deus! Você comeu mandioca crua? (...)
 - Chico! Chico! Valha-me Nossa Senhora! O Josias se envenenou! (...)
 Chico Bento se encostara à vara da prensa, sem chapéu, a cabeça pendida, fitando dolorosamente a agonia do filho.
 E a criança, com o cirro mais forte e mais rouco, ia-se acabando devagar, com a dureza e o tinido dum balão que vai espocar porque encheu demais. (QUEIROZ, 2008, p. 59-60).

Como um forte elemento que reforça o tom realista na ficção, deve-se tecer comentários sobre a *descrição*. Afinal, se esta produção artístico-ficcional dispõe de indícios verossímeis, os retratos fiéis não podem ser excluídos. Para isso, há um flagrante em que o cenário é posto em destaque. Este lugar é a cidade de Quixadá, que, considerando sua geografia, é ladeada por enormes proporções de pedras: “Vicente ia revendo com carinho as grandes pedras de Quixadá que se destacavam abruptamente sobre a vastidão arranhenta da caatinga, erguendo, céu acima, as enormes escarpas de granito.” (QUEIROZ, 2008, p. 97). Uma conversa entre Conceição, Chico Bento e Cordulina também retrata de modo excepcional os detalhes: “E ficaram os três indecisos, calados. Conceição atentando novamente nas pregas de sua saia, Cordulina com as mãos cruzadas no regaço e os olhos baixos, Chico Bento apalpando tristemente a cara ossuda, com a vista perdida num ponto indeterminado.” (QUEIROZ, 2008, p. 113-114).

Diversas vezes tem-se discutido o retrato da miséria e da precariedade das condições de vida dos cearenses apresentado em *O Quinze*. Essa temática é reforçada pela representação de Chico Bento e sua família, que personificam a deterioração das condições do homem sertanejo:

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo, em falripas sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca. A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos, que o casaco e a camisa rasgada descobriam.
 A saia roída se apertava na cintura em dobras sórdidas; e se enrolava nos ossos das pernas, como um pano posto a enxugar se enrola nas estacas da cerca. (QUEIROZ, 2008, p. 69).

Por fim, na produção não há passagem mais forte da miséria do que o momento em que Chico Bento e Cordulina se veem sem saída e doam seu filho Duquinha à madrinha, abandonando-o.

- Chico, a comadre Conceição, hoje, cansou de me pedir o Duquinha. Anda com um destino de criar uma criança. E se é de ficar com qualquer um, arranjado por aí, mais vale ficar com este, que é afilhado... (...)
 - E tu não tem pena de dar teus filhos, que nem gato ou cachorro? (...)
 - Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente... (...)
 - É... dê... Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro... (QUEIROZ, 2008, p. 108).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nenhum momento a intenção deste artigo foi menosprezar o texto em estudo devido ao seu caráter realista e, em alguns trechos, pela presença de pinceladas de linguagem denotativa. Até porque como toda obra literária, esta dispõe de traços artísticos e ficcionais. Há passagens de puro talento na criação. A título de exemplo, o trecho a seguir se destaca pela beleza poética:

E erguendo mais alto o copo, que brilhou com um lampejo de ouro à luz do carbureto,
declamou com a voz pastosa, dos olhos abertos num esgar heróico:
- Palmatória quebra dedo,
Chicote deixa vergão
Cacete quebra costela
Mas não quebra opinião!... (QUEIROZ, 2008, p. 101)

Retomando as considerações relevantes para a pesquisa, Moisés (2007), em seus comentários sobre a produção, conclui da seguinte maneira:

Tal disparidade identifica *O Quinze* como um romance social, em que se denuncia uma fatalidade geopolítica, segundo um pensamento dialético que, contudo, não chega a exteriorizar-se. Não obstante, a coerência e sutileza com que essa fundamentação ideológica é manuseada, basta para explicar que a obra se tivesse tornado uma espécie de arauto da ficção nordestina dos anos 30, especialmente daquela atraída pela problemática das secas e suas implicações socioeconômicas (MOISÉS, 2007, p. 483-484).

Diante do exposto, é, pois, incontestável o caráter artístico da obra. Entretanto, conforme exposto inicialmente, o que se tentou apresentar foram os excertos do texto que se assemelham à realidade. Rachel de Queiroz fez esta mistura de maneira extraordinária, e tal capacidade criativa a consagrou como uma das maiores escritoras da literatura brasileira em todos os tempos, sendo a primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras.

O levantamento sociológico e realista do livro oferece uma contribuição significativa para o meio acadêmico, especialmente para aqueles que pretendem se aprofundar nessas temáticas para futuras pesquisas. Estas, por sua vez, são complexas de serem trabalhadas, pois requerem sensibilidade e máxima atenção nas observações, além da necessidade de conhecimentos prévios sobre o assunto para fundamentar os argumentos.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.



HAIDUKE, A. *Chão partido: conceitos de espaço nos romances “O Quinze” de Rachel de Queiroz e “A Bagaceira” de José Américo de Almeida*. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Literatura e vida literária: polêmicas, depoimentos, documentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 85. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.